

Os teatros na União Soviética

M. I. Rollemberg

Quando visitei a Rússia nos primórdios da abertura política, seus dirigentes começavam a descobrir que o turismo é uma fonte inesgotável de recursos, superando em muito os gastos com a infra-estrutura necessária para absorvê-lo. Como secretário-geral do Partido, o posto mais alto da escala hierárquica soviética, estava o último remanescente dos bolcheviques que empolgaram o poder em 1917, Constantin Chernenko, que, muito doente com enfisema pulmonar universal e uma dispnéia que o impedia movimentar-se, veio a falecer logo depois, permanecendo naquele cargo menos de um ano. Começavam a soprar os ventos da era Gorbachev. As regras ainda eram muito rígidas e intimidatórias, embora procurassem demonstrar o contrário. Como viajei com Selmia, fomos considerados um grupo e portanto com direito a carro, motorista e guia durante todo o tempo. Não deixou de ser uma grande mordomia.

Em Moscou pretendíamos conhecer e assistir a um espetáculo no Bolshoi. Por se tratar de final de verão o teatro estava fechado, com seu elenco em excursões no exterior. Pudemos apenas apreciar a majestade do edifício. Tínhamos a esperança de assistir a um dos balés mais famosos – *A Morte do Cisne*, com coreografia idealizada pelo russo Diaghilev para a prima-dona do bale mundial Anna Pavlova. Como acompanhamento a música *O Cisne*, composta por Camille Saint-Saens e sem dúvida sua obra-prima. A melodia é apaixonante. A bailarina usa uma fantasia branca com adereços de penas brancas e uma pequena coroa real. Vai gradativamente executando uma dança envolvente, graciosa e plena de sensibili-



Figura 1 Teatro Bolshoi – Moscou

dade e enorme emoção. Ao final, se enrodilha toda, ao mesmo tempo que vai se cobrindo com as penas, simulando a morte de um cisne-real. Por ser um solo, constitui um enorme desafio a uma bailarina. No ocidente, já afastada da Rússia, Tâmara Toumanova executava esse balé com enorme perfeição, para gáudio de platéias privilegiadas.

A filha querida do ditador Stalin – Svetlana Alliluyeva – conta em suas memórias que o pai, apesar de cruel e sanguinário, assistia embevecido a Anna Pavlova, dançando exclusivamente para ele no Kremlin. Stalin, que submeteu o povo russo e das adjacências a terríveis expurgos, tinha particularmente ódio de dois tipos de pessoas: médicos e judeus. Por uma ironia do destino, a filha querida casou-se com um médico... judeu! Depois divorciou-se e casou com um americano, indo morar nos Estados Unidos. Stalin deve ter revirado na cova.

Na impossibilidade de conhecer o Bolshoi (Figura 1), resolvemos assistir a uma das óperas de Tchaikowsky em um teatro nas proximidades de nosso hotel. Compramos os bilhetes e consultamos a *concierge* se não haveria problemas em andarmos sós a noite. Aliás, esta senhora nos impressionou sobremaneira. Era de porte médio, magra, elegante, discreta, mas cheia de simpatia e educação. À nossa interpelação respondeu que “qualquer um pode andar só à noite em segurança na Rússia”. Desejou-nos bom divertimento e no dia de nossa saída inquiriu amavelmente se havíamos gostado do país e se um dia retornaríamos. Era o oposto das outras *concierges*. Paciência! Educação se aprende em casa e não em partido político. Hoje em dia com a transformação daqueles esbirros da polícia política em membros da máfia russa, repetir tal façanha seria uma temeridade.

Imaginem que tudo estava escrito no alfabeto cirílico, de que não entendemos patavina. Felizmente os algarismos eram arábicos. Chegamos mais cedo e tentamos decifrar aqueles hieróglifos. Por comparação desvendamos os caminhos e finalmente descobrimos nossos lugares a tempo. A essa altura já estávamos craques. Nisso chegaram duas moças que tentavam conversar num italiano horroroso. Pelo jeito fiz o diagnóstico: eram gregas e estavam perdidas. Com a experiência anterior, levamos as duas aos respectivos lugares. No intervalo da ópera fomos ao bar, lotado. Tomamos champanha, por sinal, delicioso. O que mais nos espantava era a garçonete que nos servia. Estava completamente bêbada. Servia um copo e bebia dois.

No voo para Moscou sentou-se a nosso lado um italiano, que vinha acompanhado de uma excursão de Florença. Quando soube de nossa nacionalidade e transmitiu a seus pares foi um rebuliço. Exatamente àquela época a Fiorentina acabava de contratar o jogador brasileiro Sócrates. Diante do vulto do investimento, as opiniões ali se dividiam, em que uns eram a favor e outros contra. Pediram minha opinião. Disse que o jogador era genial, mas perdessem a ilusão de que

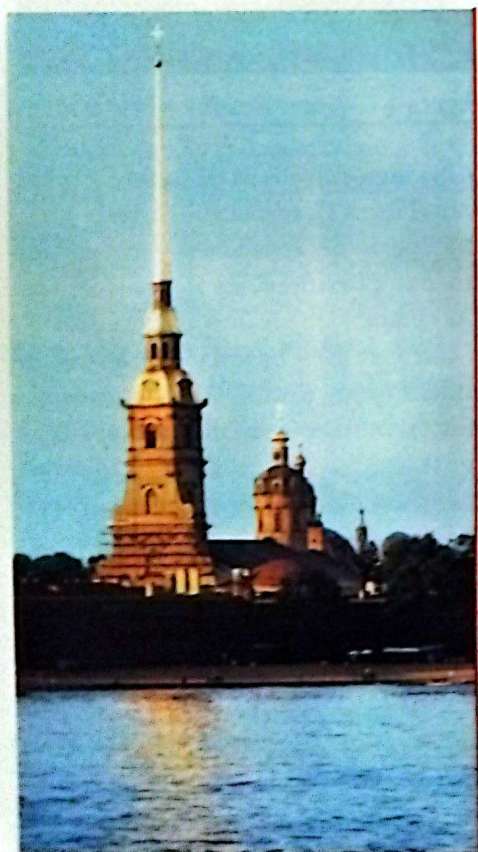


Figura 2 Catedral de São Pedro e São Paulo em São Petersburgo



Figura 3 Vista geral de Riga

iria participar daquelas correrias típicas dos jogadores italianos. Bem, o resto da história todos conhecem. Este italiano foi muito útil, pois nos ensinou várias frases e locuções importantes em russo, que se mostraram de muita valia. Era um comunista convicto e dizia que não se poderia visitar a Rússia sem conhecer o idioma.

Em Leningrado, hoje São Petersburgo (Figura 2) quisemos visitar o teatro Kirov, fechado pelas mesmas razões que as do Bolshoi. Fomos então a um baile folclórico. Estávamos hospedados em um hotel monumental às margens do Báltico e longe do centro da cidade. Havia ônibus para transportar os hóspedes. Como fôssemos um “grupo”, ficamos sós em um enorme ônibus acompanhados de uma jovem lituana. Teria sido mais fácil irmos os três em um automóvel. Coisas da burocracia. No intervalo de tempo em que esperamos, conversamos bastante. Nascera na Austrália, mas por seus pais serem lituanos obtivera licença para visitar os parentes. Os pais não podiam. Fizemos muitas perguntas e ao final concluiu solene e espontaneamente “este país é uma m...!” Provavelmente estava se referindo ao Estado russo.

Mas por que estas lembranças? Li recentemente um artigo do jornalista William Safire do *New York Times*, publicado no *Estado*, em que o autor relata suas expe-

riências nas visitas que fez a Riga (Figura 3), na Letônia, a primeira delas naqueles anos plúmbeos após a Segunda Guerra Mundial. Encontrou-se com pessoas, as quais citou, que faziam parte da resistência subterrânea e que agora reencontrava. A cidade sombria, os prédios cinzentos sem cor. Não havia um café, para evitar encontros. Não existiam listas telefônicas, para evitar contatos. Tudo isto fazia parte daquele famigerado pacto de não-agressão entre Alemanha e Rússia. Os exércitos de Hitler tomaram os países bálticos e os entregaram à tutela soviética, como parte do acordo. Agora ao revisita-la encontrava aquelas mesmas pessoas que haviam sobrevivido, com a cidade alegre, em que pese o povo meio aturdido com a libertação recente, os prédios com suas cores originais, cafés confortáveis ao lado de confeitarias onde “pode-se saborear deliciosos bolos”, faceta muito interessante. Apesar da atual liberdade e a vontade de integrarem a União Européia, encontram-se ainda um pouco perdidos. Há que se considerar que esta geração nasceu sob o tacho despótico soviético, que era apresentado nestas plagas por seus arautos como um novo Éden!

M. I. Rollemberg

é autor do livro *Nos Tempos da Panair*

..., há 600 luas, um pássaro chamado Qüerco

(a um casal em suas bodas de ouro)

Arary da Cruz Tiriba

Ele, um colega de turma muito querido, Dr. Carvalho (Carvalho? o mesmo que Qüerco?). Ela, maravilhosa mediterrânea, d'Itália, de família banida pelo fascismo. Primeiros tempos de privações. Mas enveredaram com determinação na árdua luta; ele, saltando entre plantões de uma para outra instituição (o casal teve o apoio das religiosas do Hospital Leão XIII); ela, ensinando idiomas. Mas as dificuldades cimentaram firmemente o aconchego! Hoje, passados 50 anos de matrimônio, é o chefe de família exemplar e doutor por completo: o especialista consumado, o escritor e o orador de mão cheia! Mas qualquer semelhança com a vida real...

A história é a de um pássaro muito raro. Nada parecido com sabiá, mas muito, muito sábio. Filhote, sentiu a falta de apoio do líder, daquele condutor que agrupa a bandada, voando à frente, para que os demais o sigam, até a próxima escala. Que desenham no céu o esplêndido <Λ>, como que dizendo: “vê, olha p’ra cima, contempla o pedaço de céu, grande, rico, mas é para todos!”

Nosso herói sobreviveu com esforço e entendeu que devia ajudar os alados, para que eles não passassem pela sua experiência amargosa. Não chegara, sequer, a aperfeiçoar o garganteio, pois que se dedicava a tratar da passarinhada, protegendo os ovos nos ninhos, acudindo os borrachos – os manhosos, os famintos e os órfãos – e instruindo as mães-passarinhas. Era esse o seu mister, o que fez com que se esquecesse de voar, de cantar. Cá entre nós, não era bom de vôo; despojava-se tanto, mas tanto... protegendo os seus irmãos, que lhe faltavam plumas para alçar à distância.

Quando chegava o crepúsculo, ah!, só então se entregava ao devaneio... como gostaria de conhecer outras terras!... zzz zzz ZZZ... entre os *abrefechas* das pálpebras corria o mundo. Sonhava semi-acordado, sonhava dormitado, feliz sonhava. Aventuras quantas! Outros cenários, outras faunas! Ora aterrissava na cabeça da girafa, para ver do topo os demais mamíferos. No segundo seguinte, protegendo-se dos ventos, enfiava-se na mochila do canguru. Outro pulo, e roubava o mel do urso branco... E a bicada que deu no nariz do búfalo selvagem! Pura malvadeza! Mas era divertido. E confraternizava com o cuco! E completava a excursão visio-

nária, comparecendo ao recital de gala do rouxinol: “Bis Bis! Maravilhosol, confrade”.

(...cerravam-se as pálpebras definitivamente para a noite...)

Tudo não passara de quimeras. Com a alvorada, a faina recomeçava. Mas se não podia *voar-mundo, mundo-voou* para **Qüerco**. Um dia sucederam fatos surpreendentes: novos cantares, de *pássaros deforanos*! Integrantes de espécie migratória acabavam de pousar, receosos, em sítio estranho. Uma ave, em especial – plumagem leve, inteira **graça** – fez com que os olhinhos do pássaro nativo se dilatassem, com que os cristalinos cintilassem!

Pipiou, a recém-vinda, a narrativa. Vieira de longe, onde vivia feliz no seu bosque cheio de canções, coral da passerada e dos homens. Entre árvores e flores, a fartura de grãos: trigo, cevada, centeio, aveia... e o ar livre de impurezas! Mas um dia... o vulcão começou a expelir a fumarada que cobriu o Sol com a extensa e densa *faixa negra*. Sufocado, o guia dos *deforanos* não podia mais exercitar o *bel canto*. Tratou, a bandada, de escapar da ameaça. Voluteavam, extenuados, acima do império de Netuno, quando pousaram no mastro de um veleiro, bandeira verde, branca e vermelha. E navegaram mares, o mar do *meio da terra* e o mar de fora da terra. Foi assim que chegaram.

Pela primeira vez, **Qüerco** encheu o peito. Compôs e trinou...

“תתתת minha, somente minha, e para sempre תתתת תתתת.”

“Impossível, *caro mio*, meu guia exige que voltemos aos bosques de origem, tão logo o vulcão silencie, a menos que você se integre à grei.” E, medindo a minguada

guarnição das asas do pássaro nativo, “como aqui sobreviveríamos?!”

“É verdade, só agora vejo como estou implume, de dar pena, sim! Contudo, que saiba teu líder: que regresse tranqüilo, deixando-te aos meus cuidados. Imitarei o habilíssimo artesão – meu tio João – capaz de construir da lama um lar. Ergueremos nossa casa, ainda que seja de barro, mas aquecida com paina seca e amor. Com a aromática alfazema do campo, perfumaremos nosso ninho; dos pêlos da cotia, faremos almofadas; com os espinhos do ouriço-cacheiro nossos talheres. Conheço como ninguém, as frutas e as sementes nativas – a papaia, o abacatedo-mato, o milho-alpiste, o painço – que garantirão nossa nutrição. E nos alegraremos com os demais canoros!”

Assim falou, assim foi feito.

Passado o tempo, **Ile**, terceira componente, foi-lhes trazida pela gaivota. Humaníssimas mãos, amantes dos pássaros – iguais às do Francesco d’Assisi – recobriram-na de penas aveludadas. **Ile** foi o traço de união entre o líder *deforano* e **Qüerco**. Gerações se sucederam. **Ile**, por sua vez, amou o pássaro montanhês encontrado nos picos austríacos ou chilenos, e gerou **Cheri**, completando-se as cores das penas: apeninas, alpinas, andinas com as da tropicalidade.

É porque, nos brasis, as plumagens das aves silvestres imitam o caleidoscópio. Igual à família de **Qüerco** com a companheira **graciosa**.

Cruzaram milênios. Chilrearam felizes.

Arary da Cruz Tiriba

é professor titular (aposentado, em atuação voluntária) da UNIFESP/EPM

A Bíblia e a Medicina

Oswaldo Lacreta

“Não se esvaece com o tempo e a distância o antigo esplendor dos eventos históricos e, muitas vezes, ao recompô-los na noite em que se dissiparam, eis que o horizonte incerto sobre eles novamente aflora e resplandece, em cheio, o Sol meridiano.”

Aluísio de Castro

Rolados milênios, os textos bíblicos ainda são relativamente ricos de primorosos capítulos médicos, configurados em linguagem inusitada, mas, cotejados com os livros de medicina atuais, ficaremos atônitos. Ei-los.

Cirurgia e anestesia

Raconta a *Bíblia* no Gênese: “Deus disse: não é bom estar o homem à parte, far-lhe-ei parceira idônea a par dele. O nome Deus fez cair o sono, o torpor (*anestesia*) sobre o homem, tomou-lhe uma das costelas, fechou a carne sobre ela (*cirurgia*) e do osso tomado do homem fez a mulher Eva e levou a Adão”. Inicialmente, foi apelidada Virago, por descender de varão, e depois Eva, do hebraico *Hawah*, ou seja, vivente, vida, da mesma raiz do latim *ave* a dizer viva, salve. Incluiremos, nesse passo, a incisão da haste funicular, no momento da expulsão do nascituro, a onfalotomia, executada com lascas de pedra, ou conchas, outro tipo de intervenção do longínquo passado: a mais freqüente, a mais simples e a mais inócua. Sono significava “êxtase”, com sentido diferente do habitual.

Jesus entre os doutores

Contava apenas 12 anos quando, perdido no templo, foi interrogado pelos sábios de Jerusalém. Um deles, conhecedor das ciências naturais, lhe perguntou se ele estudara medicina. Cristo respondeu ter conhecimento do corpo humano, das respectivas secreções e suas propriedades e da estrutura dos membros locomotores. Essas particularidades são consideradas apócrifas.

A procriação, a gestação e o parto

É evidente que essas especialidades ligadas ao ciclo grávido-puerperal fossem retratadas exaustivamente na Sagrada Escritura, a começar pela fecundação, só exequível caso o esperma, vindo do homem, adentrasse o ovo da mulher.

Para os judeus o sêmen originava-se da cabeça do varão, descia pela coluna e atingia os genitais. A mulher era chamada *rahan*, isto é, matriz, útero.

O ovo apelidava-se, em hebraico, *golem*. Constituía massa informe que Deus vê; o homem resultava do “sopro divino do pó da terra, insuflado em suas narinas e ele se transmudará em ser vivo” (Gênese, 2:7).

A embriogênese está delineada em Jó, 10:11: “tuas mãos me formaram, totalmente, à moda da argila, me revestiram de pele e de carne, me encheram de ossos e de nervos”.

O marido não podia estar ao lado da esposa no transe da parturição. Essas particularidades são apontadas no Êxodo, Jó (inimizade), Reis, Isaías (salvação), João (cheio de graças) e Jeremias (a quem Jeová constituiu), do semita *Irmeiabú*, ou *Irmeiau*, ou *Jeová*.

Praticava-se o coito interrupto a fim de evitar a prenhez, que era de significado bíblico. Onã, muito ambicioso, pretendia a herança do irmão e, destarte, não desejava descendente, então, se masturbava e, de seu nome, veio o termo onanismo.

A melhor posição do parto era sentada e com o tronco ereto, conforme Gênese, XXX, 3, onde constam dados sobre a rotura das membranas, inércia do útero, tão difícil, com morte da parturiente. A Virgem Maria engravidou por obra do Espírito Santo.

A jovem desejosa de ser mãe não podia ingerir bebida alcoólica. Sabia-se não ocorrer a emprenhidade no aleitamento. Conseqüentemente, as mulheres de antanho, por ter filhos sucessivamente, permaneciam em amenorréia cerca de 400 vezes durante a existência, contra apenas 40 da mulher moderna, que pouco engravida.

Conhecia-se a mãe de aluguel, lembrada no Gênese XXVI, 1-16 – Sara disse a Abrão: “O Senhor não me permite conceber, peço-lhe procurar minha escrava egípcia Agar para que eu consiga descendentes”, o que, realmente, ocorreu. Desse modo Abrão, aos 86 anos, teve um herdeiro apelidado Ismael, significando em hebraico “Deus ouve, atende”.

A duração da prenhez está retratada no Macabeu I, I: “meu filho, tenha piedade de mim, eu te mantenho no ventre nove meses e te alimento três anos”. Em Lucas (I, 36-41) assinalam-se os movimentos fetais e em Jó (III, 16) depara-se o parto prematuro de Rebeca.

Existe menção ao parto duplo de Rebeca, o primeiro nuelo veio ao mundo muito peludo e foi chamado Esaú, do hebraico *Esau*, isto é, cabeludo; o segundo, Jacó, do hebraico *Íakob*, “ele segura o calcanhar” do irmão, conforme se apresentaram ao nascer. (Gênese, 25:25). Em realidade o vocábulo provém de *Já-akob-El*, ou seja, “que Deus salve”.

Digna de nota é a passagem em que Elisa, ao ver o filho morto, colocou sua boca em contato com a do filho, a criança tossiu sete vezes e abriu os olhos (Livro II dos Reis, 32-35).

Ligado o funículo, o nuelo era lavado, salgado para evitar infecções e removido o verniz caseoso, enfaixado, e aleitado cerca de três anos (Macabeu VII, 27).

Quando a mãe não podia amamentar, usava-se a ama-de-leite. Boas tomou Rute por esposa, esta lhe deu um filho, amamentado por Naomi (Rute IV,13-16). Consigna o Talmude o vagido uterino e no Livro Sagrado do povo eleito o Dotze-Dolfan recomenda proceder à cesárea, quando impossível ocorrer o nascimento por vias naturais.

A rotura do assoalho pélvico está mencionada no parto duplo de Tamar. Expulso o primeiro feto, houve solução de continuidade do períneo e a parteira culpou o menino dizendo que, por isso, ele deveria chamar-se *Perets* (Gênese 9, 38, 20, 30), que equivale, em hebraico, a brecha, rotura. Esse nome chegou até nós, porquanto conheço grande cirurgião, filho de judeus russos, chamado Peretz Kapelhuschnik.

O primogênito de Raquel, i.é., “cordeirinha”, Benjamim, i.é., “filho da felicidade”, veio ao mundo em apresentação pélvica, visto que a parteira, antes da expulsão total do nascituro, viu, pelos genitais expostos, tratar-se de menino; Raquel morreu nessa emergência! Está no Gênese (25, 22) o fato de os gêmeos de Rebeca, i.é., “laço, vínculo, ramo”, se chocarem no ventre e Maria ressentia os movimentos de Jesus (Lucas 1, 41). No caso de Rebeca, ela dizia que “duas nações jazem em meu abdome brigando!”

Entre os semitas, as fezes eram tratadas de modo adequado, tanto que no quinto Livro de Moisés estampa-se que, na fuga pelo deserto, freqüente entre os judeus, estes mantinham lugar adequado para a defecação, marcado por estaca, e se formava receptáculo que era coberto de terra após o uso, a fim de evitar a ação de animais e a propagação de enfermidades. Durante as fugas, se alguém adoecesse, e para não atrasar a viagem, era deixado à beira do caminho com água e alimentos. Assim procediam os filhos de Sem nas intermináveis retiradas, sempre perseguidos.

A menstruação

Episódio tipicamente feminino, a jovem era considerada impura nesse agravo, interpretado pelos semitas como manifestação incompleta, insuficiente para engendrar prole.

Quando um homem se deitava com uma mulher no catamênio, ambos deveriam ser mortos (Lev., 20-18), o que nunca foi praticado. As regras tornavam o sexo frágil mais exposto às doenças, daí a proibição do ato sexual, pregado pelos judeus.

A menina impura era dita *tame* e o homem que a tocasse e depois não limpasse as mãos era também impuro. As senhoras tinham de se lavar, tomar banho no mar, no rio ou na banheira com determinada quantidade de água e deveriam usar depois roupas especiais. Os judeus atribuíam grande valor à higiene pessoal com a finalidade de prevenir moléstias.

As dez pragas

Uma delas, a sexta, a das úlceras. O Senhor pediu a Moisés e a Aarão que tomassem nas mãos cinzas de chaminé e as lançassem ao ar, ante o faraó, das quais se formariam nos homens e animais de todo o Egito úlceras e grandes tumores. Davi, Deus de Israel e unificador dos semitas, significa ama-

do, querido de Deus. O termo é oriundo de hebraico *Daud*, ou Dávid, com aquelas conotações.

A peste em Israel

O Senhor mandou a peste a Israel a fim de castigar Davi, causando 70.000 mortes; o local não foi destruído por compaixão do Senhor. Depois de se reconciliar com o rei de Israel, Davi edificou um altar ao Senhor por cessar o flagelo, conforme está no livro II de Samuel. Israel deriva de *Ei* (Deus) e *Isra* (luta), ou reina, mostra-se forte, resplandece (Gênese, 32:28), para caracterizar o término da peleja entre Jacó e o anjo. Consoante exegetas modernos, foi a bubônica.

A cura do hanseniano

Terminado o sermão da montanha, aproximou-se de Jesus um hanseniano, que se prostrou, dizendo: “Senhor, se queres podes limpar-me”. Jesus entendeu a mão, tocou-lhe, dizendo: “Sê limpo” e o homem ficou livre da doença, e Cristo prosseguiu: “Vai e faz a oferta ordenada por Moisés, em prova de tua cura”. Giotto (1266-1337) retratou, em tela magnífica, a ressurreição de Lázaro, exposta, em Pádua, na Sirovegni.

A cura da mulher encurvada e do hidrópico

Sábado, ensinando numa sinagoga, surgiu-lhe mulher toda encurvada, incapaz de mover a cabeça. Jesus, observando-a, disse-lhe: “Estás livre de tua doença” e assim ocorreu. O mesmo se deu com o edemaciado.

Circuncisão

Deus disse a Abrão: “Tu guardarás a minha aliança com este acordo: todos os homens serão circuncidados, ou seja, a carne do prepúcio será cortada dentro de oito dias, para simbolizar elo entre nós”. Era feita com facas de pedra ou conchas, reza a *Bíblia*. É prática antiquíssima, que se justificava plenamente. Veio do latim, *circuncisione*, que significa cortar ao redor.

Os judeus, o povo eleito, fixaram essa intervenção a partir do oitavo dia do nascimento, segundo foi feito em Jesus Cristo. Por quê? Eles averiguaram que qualquer operação feita antes dessa época determinava grande perda de sangue e às vezes a morte. A Medicina moderna apurou ter a escolha desse tempo base científica, porquanto duas substâncias no sangue que facilitam a coagulação, a vitamina K e a protrombina, aparecem no recém-nato depois de uma semana!

É verdade que a circuncisão em nossa era faz-se em hospitais bem aparelhados, antes do mencionado tempo, com raríssimas complicações; entretanto, a perda eventual de uma criança, embora excepcional, é sempre tragédia para os pais. Portanto, é mais seguro praticá-la no referido momento, consoante nos ensinaram os descendentes do salmista Davi. Ela previne infecções nos rins, nas vias urinárias e facilita a higiene; então, os hebreus conheciam a Medicina Preventiva!

Abrão foi circuncidado aos 99 anos junto com o filho Ismael, com 13. Abrão vem do hebraico *ab* (pai) e *ran* (eleva-

do), nome primitivo de Abraão, do hebraico *ab* (pai) e *hummum* (multidão), indicando “o pai da multidão ou pai por excelência”. Assim perpetua o Gênese (I 7, 5). Eva, também, *Hawab* denota vivente, vida. A raiz é igual a do latim *ave*, isto é, viva, salve. Moisés, por não ter circuncidado o filho, foi castigado pelo Senhor com doença mortal. Séfora, em hebraico *Zippórah*, que denota pequena ave, salvou o patriarca, praticando-lhe a cirurgia.

Doenças da pele

Parece que nos tempos bíblicos a lepra era muito temida, a tal ponto que qualquer alteração cutânea era suspeita da doença. Toda novidade no tegumento, furúnculo, queimadura, eritema, era mostrada ao sacerdote de Aarão, que recomendava alguns dias de espera; caso a mancha piorasse, tratava-se de hanseníase e o portador era declarado impuro. Assim, qualquer mudança da epiderme, do couro cabeludo etc. que não sarasse depois de algum tempo era mal de Lázaro.

O infectado tinha de usar roupas rasgadas, máscaras, permanecer despenteado, carregar corneta – por isso era chamado irmão da trompa ou da matraca – para indicar sua aproximação; era isolado dos demais e obrigado a gritar “Impuro! Impuro!”. Viviam de esmolas, cobria-se de roupas e usava chapéu preto de margens brancas, não podia penetrar nos templos, nas hospedarias e beber nas fontes públicas e, ao precisar de alguma coisa, tinha de as apontar com um bastão. Parece exagero, mas plenamente justificável em prol da prevenção das epidemias. Aarão é forma primitiva, a moderna é Arão, do hebreu *Aharon*, por exprimir o montanhês, o elevado, o iluminado e o inspirado.

O mofo das roupas

Quando surgia mancha em roupa de lã, linho, couro de tonalidade verde ou vermelha era contaminação por lepra. Tudo era mostrado ao sacerdote. Se decorridos sete dias houvesse aumento, era hanseníase contagiosa; as vestes eram queimadas para evitar a transmissão. Tais fatos mostram terem os antigos, em época de Jesus, conhecimentos dos atuais fômites.

O mofo das casas

Qualquer nódoa, bolor que surgia na fachada de moradia constituía suspeita de morféia; o sacerdote a examinava e, ao notar depressões e tonalidades verdes ou vermelhas, o prédio era fechado sete dias; havendo aumento e alteração das cores, a habitação era impura, e tinha as paredes raspadas e rebocadas. Reaparecendo as máculas tudo se demolia e, se elas descorassem, era de novo habitada.

Jesus cura o parálítico

Consta, no Evangelho de São João, ter Cristo ido a Jerusalém ver a piscina de Betesda, famosa porque suas águas, quando revoltas, curavam cegos e parálíticos, que se sentavam ao redor, à espera do momento oportuno para mergulhar e ter a cura; mas ela apenas se agitava ante ordens de um anjo! Jesus encontrou um parálítico deitado, que, evidentemente, só poderia penetrar o recipiente na época apropriada; perce-

bendo o problema, Jesus lhe disse: “Levanta-te, deixa tua cama e anda”; o homem ergueu-se, pôs-se a caminhar e adentrou o tanque sagrado.

Jesus cura o cego

O Senhor, em peregrinação, encontrou um apagado junto a curiosos e lhes disse: “Eu sou a luz do mundo”; de seguida, cuspiu no solo, misturou a saliva com terra, fez um pouco de lama com a qual cobriu as pálpebras do homem e ordenou-lhe “Lava-te na fonte de Siloé” (o Enviado). O turbido logo recuperou a visão.

A surpreendente doença de Noé

Significa este nome, do hebraico *Noah*, “aquele que viu a vida” ou, então, “o que dá repouso e consolo”. Enoch, patriarca antediluviano, segundo o Gênese, desapareceu misteriosamente, “arrebataado por Deus” e foi no livro deste profeta, dado a lume nos séculos I e II a.C. que foi relatado o nascimento do construtor da arca.

O pai de Noé chamava-se Lameque, filho de Matusalém; sua esposa parturiu um menino de pele branca qual a neve e vermelha semelhante à rosa, cabeleira branca idêntica à lã e olhos lindíssimos. Ao abri-los, toda a casa iluminou-se à moda da luz do sol, assustando o pai, que sentiu medo do filho e foi em busca do genitor, Matusalém, a quem confiou: “Engendrei um menino diferente dos demais, não parece pertencer ao gênero humano, mas a um anjo, diferindo dos outros homens. Tem os olhos semelhantes aos dos raios de sol, dando a impressão de não pertencer à raça humana, mas aos anjos do céu”.

A confirmar essa descrição, encontraram-se em ânforas descobertas no Mar Morto escritas atinentes ao assunto do albinismo do construtor da arca. Pensou-se, de início, serem esses achados parte de um livro perdido de Lameque, tido por apócrifo do Gênese.

A leitura desses papéis prova de maneira convincente o nascimento de um albino, o qual, por seu aspecto inusitado, o pai Lameque não quis considerar filho. Por esse motivo, solicitou da esposa jurar ser ele genitor do menino. Conforme declaração da mãe de Noé, supõe-se serem Lameque e esposa irmãos. Sendo isso real, na antiguidade tal associação era relativamente comum. Noé foi, conseqüentemente, fruto da união entre parentes consanguíneos de primeiro grau!

Diremos no fecho destas notas, para ameigar a leitura, ter sido o Livro Sagrado objeto de acontecimento cômico. Em tiroteio, certo transeunte foi atingido por projétil no lado esquerdo do tórax e nada lhe aconteceu. Um policial prestimoso se aproximou do acidentado e lhe disse: “O senhor tem muita sorte”; o ferido, assustado, introduziu a mão no lado esquerdo do casaco, retirou livrinho todo esfacelado, apontou-lhe o indicador e sentenciou: “Agora acredito ter a *Bíblia*, realmente, capítulos impenetráveis!

Oswaldo Lacreta é médico aposentado

Analogias em medicina

José de Souza Andrade Filho

Lua cheia, corcova de búfalo e barbela de boi

A Lua, satélite do nosso planeta, não tem luz própria, mas reflete a do Sol. Se o reflexo da luz solar é feito por toda a superfície lunar visível, a fase é de lua cheia, quando se apresenta arredondada e de grande brilho (plenilúnio). O aumento prolongado da secreção de cortisol (hipercortisolismo), ou por distúrbios primários ou secundários da supra-renal, provoca, entre outras manifestações, a redistribuição da gordura corporal, levando a depósitos de tecido adiposo na face, tornando-a arredondada, avermelhada e pletórica, o que lhe valeu o nome de face de lua cheia (ingl., *moon-shaped facies*). Ocorre também acúmulo de gordura na região posterior do pescoço ou na área interescapular – é a corcova ou giba de búfalo (ingl., *buffalo hump*, em fr., *bosse de bison*) e, às vezes, na região episternal, assemelhando-se a barbela de boi. O conjunto deste quadro clínico é também denominado lipomatose esteróide.

O norte-americano chama de búfalo o que chamamos de bisão ou, em francês, *bison* (do gr., boi selvagem). Portanto, em português, o mais correto seria corcova de bisão. Este é um mamífero ruminante, bovídeo, de cor parda, de chifres curtos, com o corpo mais desenvolvido na parte anterior e com ombros elevados, associados a uma grande corcova. Embora em extinção, pode ainda ser encontrado na Europa e América do Norte, onde é impropriamente denominado búfalo, que é outra espécie de bovídeo.

A face de lua cheia e a corcova de búfalo ou de bisão são sinais clínicos característicos da síndrome de Cushing, distúrbio resultante da secreção aumentada de cortisol, bem como de corticoterapia prolongada e de secreção hormonal ectópica.

Brocotoma

O termo brocotoma – não registrado em nenhum dos dicionários mais conhecidos – pode ser rotulado como neologismo médico de origem indeterminada e de uso coloquial entre muitos médicos de Minas Gerais e de outros Estados. Refere-se a massa tumoral (ou “tumoração”) inusitada, em geral volumosa, inflamatória ou neoplásica, localizada principalmente no abdome ou na pelve, com muitas aderências e limites imprecisos. Na maioria dos casos é considerada inoperável pelo cirurgião. Este se expressa de modo estereotipado: “Ao abrir o peritônio, encontrei uma enorme massa, impossível de ser ressecada, um ‘brocotoma’ dos diabos...” (ou outros adjetivos mais encapetados e não publicáveis). “Nada pude fazer para o doente. Fiz apenas uma biópsia.”

Algo a ver com brocotó ou brocotó? Terreno desigual ou estrada esburacada, irregular; fenda cavada por enxurradas, com muitos altos e baixos, escavado ou obstruído por pedras. Sulco irregular aberto por águas pluviais em ruas sem calçamento. Ou ainda, brocotó: mau humor?

José de Souza Andrade Filho
é patologista, membro da Academia Mineira de Medicina e professor de Anatomia Patológica da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais

Grito da cureta

Cureta é instrumento cirúrgico metálico, em forma de colher, usado para raspagem das paredes de certas cavidades do organismo, como o útero, os seios paranasais, cavidades ósseas etc. A curetagem uterina é intervenção cirúrgica muito comum, principalmente para a retirada de restos placentários, em casos de abortamento. Após preparação e cuidados adequados, o médico, em geral o obstetra, faz a raspagem do útero de dentro para fora, procurando atingir todas as paredes uterinas e poderá ser repetida até que se perceba que não há mais restos teciduais. Quando a cavidade uterina está totalmente limpa, tem-se uma sensação de aspereza à raspagem da mucosa e ouve-se um ruído peculiar à passagem da cureta. Denomina-se “grito da cureta” a esta sensação tátil-acústica especial, percebida por ocasião de uma curetagem, particularmente a uterina, e indicativa de que não há, naquela área, necessidade de continuar a raspagem (bas. em parte em Pimenta Filho, R. *Cirurgia Ambulatorial* Fonseca e Savassi Rocha, 1987).

Desencontro

Primavera, 2002

Saí por aí
para ver se me encontrava.
Andei ruas antigas.
Dobrei esquinas já gastas,
tantas vez as dobrara.
Cinco ou seis quarteirões.
Olhei, fiz indagações.
A maioria
não me conhecia.
Nunca ouvira falar.
Alguns tinham vaga lembrança
de me ter visto passar.
Poucos me conheceram,
estiveram comigo,
falaram comigo.
Teve, até,
quem se considerasse amigo.
Mas desisti,
pois,
de tudo que ouvi,
nada, ou quase nada,
tinha a ver com a pessoa
que a vida inteira
eu pensara
ou julgara ser.

Hudson Hübner França

Consciência

dedicado à memória de Augusto dos Anjos

Cativa de perene desconforto
Vive minha alma em forte ansiedade.
Sofre a consciência diante da verdade
E o pensamento em dúvida aborto.

O que será de mim depois de morto?
Seguir, enfim, comum fatalidade:
a essência retornando à eternidade
e o corpo colocado no seu porto.

Por que, então, fazer tamanho entrudo,
dos bens e do saber fazer escudo,
tanto lutar, correr por esta parte

se o homem, culto ou bronco deixa tudo:
amigos, posições, engenho e arte,
na crise fulminante de um enfarte.

João Aguiar de Campos Filho

Caderno de *anotações*

José Carlos Barbuio

Lotação no Céu

Observando a grande bagunça que tinha virado o céu, com tantas pessoas entrando, São Pedro decidiu tomar algumas providências:

– Vamos mudar tudo disse aos anjos.

– Faremos uma seleção. Para entrar no céu a pessoa tem de contar sua história de morte.

Se for triste entra, se não, a pessoa fica no purgatório, no inferno. Sei lá, se vira! Isso aqui está ficando muito cheio.

No dia seguinte, na portaria, formou-se uma enorme fila.

O anjo Gabriel ficou responsável por orientar o pessoal.

– Gentel disse o anjo. – Cada um de vocês contará a sua história de morte e eu decidirei se vocês vão ou não entrar. Ok?

Então, o primeiro homem da fila começou a contar sua história:

– Eu estava desconfiado, achava que minha mulher estava me traindo, decidi chegar mais cedo em meu apartamento, que fica no 12º andar, para pegá-la no flagra.

Quando ela me viu, ficou assustada, então o revirei inteirinho e não achei ninguém!

Estava quase desistindo, quando... olhei para a sacada e vi duas mãos penduradas. Pensei:

“Hoje pego esse maldito!” Não pensei duas vezes. Fui até a sacada e pisei nas mãos dele até ele cair... Mas, o filho-da-mãe caiu em cima de um toldo e sobreviveu... Corri, desesperadamente, para pegar a coisa mais pesada que tivesse e jogá-la sobre ele.

Carreguei a geladeira até a sacada e joguei-a no miserável... Acertei-o em cheio! Fiz com tanta força que fiquei tonto e cai bem em cima do imbecil... Foi aí que eu morri.

Ainda meio confuso, o anjo autorizou-o entrar e deu seqüência à fila. Próximo...

Então começou a falar o segundo homem:

– Anjo! Eu estava no meu apartamento, 13º andar, fazendo os meus exercícios diários na sacada, de repente, desequilibrei-me e escorreguei... Por sorte me agarrei na sacada do apartamento de baixo, quando estava me erguendo, apareceu um maluco pisando nas minhas mãos, todo esbaforido... Não teve jeito, soltei-as e caí de lá de cima... Por sorte, caí em um toldo. Pensei: “Estou salvo”, mas o maluco arremessou de lá de cima uma geladeira em mim, e foi assim que eu morri!

O anjo, se esforçando para não rir, autorizou-o a entrar e mandou prosseguir a fila...

Próximo...

– Olha, você não vai acreditar, mas eu estava escondido dentro de uma geladeira...

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Alfredo de Freitas Santos Filho

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] / Carlos Alberto Salvatore / Antônio Valdemar Tosi / Marisa Campos M. Amato / Rui Telles Pereira / Yvonne Capuano / João Marques Teixeira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira